

VIII SEMANA NACIONAL DE HISTÓRIA CFP/UFCCG

**REFLEXÕES IDENTITÁRIAS:
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES COTIDIANAS**



SESSÃO COORDENADA 04 - GÊNERO E SENSIBILIDADES

**COORDENADORAS: ROSEMERE OLÍMPIO DE SANTANA, LEILANE
ASSUNÇÃO DA SILVA & SUSEL OLIVEIRA DA ROSA**

A REPRESENTAÇÃO DA MASCULINIDADE EM VIDAS SECAS DE GRACILIANO RAMOS E RATOS E HOMENS DE JOHN STEINBECK: A DESCONSTRUÇÃO DO FALO

*Alyne Ferreira de Araújo¹
Francisco Edson de Freitas Lopes²*

O homem desde o começo dos tempos é tido como dominador. Em parte, a literatura é responsável por delinear a personalidade masculina, levando os homens desde a infância a acreditar que são superiores e que devem exercer seus papéis de dominadores. Em especial, o homem do Nordeste desde o século passado, momento a partir do qual teve visibilidade, vem sendo retratado por meio de estereótipos. Este é visto como a representação da virilidade; é por natureza “um cabra macho”, “um cabra da peste”, “homem com H maiúsculo”. Este estereótipo, criado em virtude de interesses políticos, fora, acentuadamente, reforçado pela literatura. As características da natureza ríspida do Nordeste foram atribuídas ao homem dessa região, que logo fora definido como forte, viril, rude, rústico. Assim o nordestino fora descrito por Euclides da Cunha, Raquel de Queiroz, Guimarães Rosa, José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos, o que cristalizou a imagem do nordestino como um ser violento. O estereótipo do nordestino como um homem valente, destemido foi tão reforçado pela produção cultural que tais características são consideradas intrínsecas ao homem dessa região. O homem

¹ Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: alynef_araujo@hotmail.com

² Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: edson.freitas9@hotmail.com

nordestino vira lenda. Entretanto, apenas essa face do nordestino é mostrada, porém, tal caracterização não representa os diversos tipos de sujeitos existentes naquela região.

No livro *Nordestino: invenção do “falo” – Uma História do Gênero Masculino (1920 – 1940)*, publicado em 2013, Albuquerque Júnior explica como a imagem do nordestino fora definida, ele faz um estudo sobre a figura desse homem, apresentando que este ser é tido como a máxima representação do “macho”. Conforme o idealismo da época, “Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Nesta região até as mulheres são macho, sim senhor!” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 18). Para tanto, é necessário investigar o motivo do surgimento desta figura naquele momento (da década de 20 a 40 do século XX) e o porquê dessa associação à masculinidade. Nesse contexto, o escritor trata inicialmente da história do gênero masculino. Para fundamentar seu estudo, Albuquerque Júnior usa, basicamente a obra de Gilberto Freyre, *Ordem e Progresso* (1957) e exemplos da literatura.

Albuquerque Júnior questiona se realmente existe alguma história que não seja dos homens, tendo em vista que por muitos anos, estes tiveram o controle absoluto da sociedade, excluindo, assim, as mulheres desta história. Porém, ele ressalta que a história dos homens foi excluída pela historiografia dos excluídos (mulheres, homossexuais, negros, pobres). E o seu questionamento fica ainda mais profundo, quando o autor, parafraseando Paul Veyne, diz: “Se tudo é história dos homens, logo ela não existe” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 19). Nesse contexto, o escritor argumenta que o gênero masculino tem sido pouco estudado, nos últimos anos. Com isso em mente, o objetivo do trabalho do escritor é estudar mais detalhadamente “as experiências-de-ser-homem”, na região nordestina, onde a virilidade exacerbada é um elemento definidor da identidade regional dos homens, e até mesmo das mulheres, isto é, o autor busca compreender a masculinidade através da identidade do homem nordestino.

Inicialmente, Albuquerque Júnior, baseado no discurso de Freyre, destaca que as mudanças sociais ocorridas no final do século XIX, especialmente, a instauração da República e a abolição da escravidão ameaçaram a ordem, a autoridade e a hierarquia social, sendo responsáveis, assim, por um processo compreendido como “feminização da sociedade”. Em outras palavras, a ascensão da República e a libertação dos escravos abriram espaço para novos grupos sociais que emergiram, levando a sociedade a um processo de nivelamento, o qual quebrava a hierarquia da sociedade e ameaçava a figura do Pai, como representante da ordem e da autoridade, como a figura máxima da família.

As mudanças que vinham ocorrendo na sociedade eram sempre associadas à horizontalização, ao feminino. Nesse sentido, conforme Freyre, tais mudanças levaram ao declínio do patriarcalismo, tendo em vista que a mulher procurava ocupar um espaço que só pertencia ao homem. “O mundo dos patriarcas paternos estava em ruína, um mundo feminino parecia avizinhar-se” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 29).

O novo modelo que estava se estabelecendo na sociedade representava uma ameaça à instituição Família. O sentimento familiar de união e solidariedade logo foi substituído por um individualismo em ascensão e pela representação de classe. Nesse contexto de significativas mudanças no seio social, as mulheres, que antes eram conformadas com seus papéis de esposas submissas e mães renegadas, passaram a questionar a hierarquia da família patriarcal:

O que parecia ordenado, estático, imóvel, certo, inquestionável, começava a se mover para contestar a ordem anterior. Os homens e as mulheres já não eram mais os mesmos, já não reproduziam sem questionamentos os modelos sociais que vinham do passado. Estava se modificando não apenas a forma de fabricar artefatos e objetos, mas, principalmente, a forma de se fabricarem sujeitos (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 29).

Iniciava-se, a partir do quadro descrito acima, um processo de desvirilização do homem e virilização da mulher:

Enquanto os jornais anunciavam como uma das maiores atrações de um circo de cavalinhos uma mulher barbada, um ano depois uma revista da cidade falava da estreia espetacular de um homem manequim nas passarelas da moda europeia. As mulheres após a guerra usavam o cabelo *à la garçon* e os homens raspavam suas barbas, símbolo de masculinidade na sociedade dita patriarcal (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 40).

As fronteiras entre os gêneros foram rompidas. À medida que a mulher ganhava voz na sociedade, esta também ganhava características ditas masculinas, o que era evidente tanto na sua aparência, como na sua personalidade, “A mulher no seu intento de se igualar aos homens vinha perdendo o seu encanto, vinha se virilizando, seja nas maneiras, seja nos trajés, seja nos valores” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 40). As mulheres delicadas, puras e submissas são esmagadas por aquelas consideradas “dominadoras”, “ameaçadoras”. Por outro lado, o homem também estava perdendo sua identidade viril. Roupas apertadas, gestos delicados, postura refinada tomaram conta do

ser masculino, assim como Albuquerque Junior (2013, p. 50) afirma: “Os homens duros de antigamente agora amoleciam, perdiam a virilidade, perdiam a potência”. Foi nesse contexto que surgiram as figuras do “almofadinha” e do “filhinho-de-papai”. Essa inversão de gêneros pode ser resultante do processo de individualização, os sujeitos não queriam mais ser definidos como “feminino” ou “masculino”, mas desejavam ter seus próprios estilos.

Esse processo de feminização da sociedade é, especialmente, atribuído ao estabelecimento da República. Foi na instauração desse novo tipo de ordem que a mulher ganhou voz. O movimento republicano é associado a uma busca pela mulher ideal, por parte dos homens, que já não estavam mais satisfeitos com o Império e com imperadores dóceis, desvirilizados. A República nascia, então, como um culto à mulher, como uma sociedade que proclamaria o amor e o igualitarismo, ao contrário do antigo regime, o Império, o qual era autoritário e conservador. Seguindo esta linha de pensamento, “O Império era homem, a República era mulher” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 83).

Outro aspecto apresentado por Albuquerque Júnior, que segundo Freyre, é um dos fortes fatores que levou a derrocada do patriarcalismo, é a vitória da cidade sobre o campo:

A cidade passa a ditar modas, a difundir ideias, a alterar a própria sensibilidade social, cada vez mais voltada para o novo, para o moderno, para o artificial, para o não familiar. A cidade é o lugar do estranho, do diferente, do não rotineiro, da mudança, do combate e do distanciamento das manifestações tradicionais de cultura. É o espaço do desenraizamento, da desterritorialização, da falta de apego a terra, do fim do idílio com a natureza. Espaço da confusão de cores, de gentes, de cheiros, de muito ruído (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 95).

Acima de tudo, o triunfo da cidade sobre o campo mostrava o distanciamento entre o homem e a natureza. Os homens abandonaram as casas de engenhos para morarem na cidade, e, sobretudo, abandonaram a vida familiar do campo para usufruir o que a modernidade oferecia: “A modernização vinha acabando com o encanto e os mistérios da natureza” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 98). O cavalo de sela, forte símbolo da masculinidade, logo foi substituído pelos automóveis: “O automóvel tornava os moços menos viris, exigia menor destreza, menos esforços, tornando-os comodistas” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 97).

Assim, a frivolidade e histeria da modernização e do urbanismo, logo, foram associadas ao feminino, o que seria, na concepção de Albuquerque Júnior (p.100, 2013), uma “... tendência de suavização da vida, de desvirilização dos costumes...”. E, juntamente, com o brilho da modernidade, viera também o aumento da prostituição (prostitutas brasileiras foram substituídas por estrangeiras) e cafetinismo, alcoolismo, jogos, vadiagem, moleques de rua, suicídios constantes entre homens. Além disso, a urbanização também é responsável por profundas mudanças nos costumes tradicionais brasileiros, como mudanças nos hábitos alimentares e desvalorização da cultura: “A cultura popular, considerada grosseira, primitiva, rústica, semibárbara, inculta, rural, tradicional, passadista, era desqualificada pelas elites (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 97). Na visão de Freyre, a modernidade apresentara-se, então, como “...uma mulher devoradora, que não perde tempo em deformar e destruir as manifestações viris da tradição patriarcal” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 118).

Rompimento das fronteiras entre os gêneros e declínio do modelo da masculinidade, estas eram as principais características da sociedade republicana. Mas, o que esperar de uma sociedade efeminada, na qual as mulheres tentavam usurpar os lugares que antes eram destinados unicamente aos homens? O que esperar de uma sociedade, na qual mulheres possuem características masculinas e homens características femininas? Estes eram os principais questionamentos da elite no começo do século XX.

Através da necessidade da intervenção de um sujeito com pulso firme para pôr fim nessa sociedade efeminada, surge a ideia do Nordeste e do nordestino como “A Invenção de Um Macho”. Inicialmente, o termo “Nordeste” era sempre relacionado à seca e à crise da lavoura, era tido apenas como um espaço regional. Já o Nordestino, através de um movimento cultural regionalista, foi inventado como um “cabra macho”, um homem que seria capaz de resgatar a já perdida virilidade da sociedade patriarcal:

Este [o nordestino] será definido [...] como um tipo tradicional, um tipo voltado para a preservação de um passado regional que estava desaparecendo. Um passado patriarcal, que parecia ser substituído por uma sociedade ‘matriarcal’, efeminada. O nordestino é definido como um homem que se situa na contramão do mundo moderno, que rejeita suas superficialidades, sua vida delicada, artificial, histórica. Um homem de costumes conservadores, rústicos, ásperos, masculinos. O nordestino é definido como um macho capaz de resgatar aquele patriarcalismo em crise, um ser viril capaz de retirar sua região da situação de passividade e subserviência em que se encontrava (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150).

O nordestino é inventado como aquele que possui a masculinidade e a virilidade que faltavam aos sujeitos republicanos, então, logo, ele seria capaz de acabar com a feminização trazida pela República e resgatar o patriarcalismo, “... não apenas como modelo familiar e de relação entre os ‘sexos’, mas como ordem social” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 150). O homem do Nordeste surge como uma reação a feminização e ao rompimento das fronteiras entre os gêneros, e a passividade política.

Um ser forte, rude, viril, assim é o homem nordestino ou assim ele fora inventado. Vários estereótipos foram associados ao homem do nordeste. Inicialmente, este seria uma mistura de outras figuras regionais como o sertanejo, o praieiro, o brejeiro, o senhor do engenho, o cangaceiro, o coronel, o vaqueiro, o matuto, o jagunço, o retirante, o caboclo. Conforme o discurso eugênico, o comportamento, atitudes e valores do nordestino seriam determinados pela sua composição biológica, seu biótipo. Já o discurso antropogeográfico defende que o nordestino é um homem telúrico, isto é, a constituição física e psicológica dele seria definida a partir da civilização e cultura da região onde ele vive. É uma questão de adaptação ao ambiente. Considerando que o Nordeste era uma região atingida pela seca e esquecida pelo governo, as condições de vida nessa região não eram das melhores, daí surge o estereótipo de rusticidade para aqueles indivíduos: “Uma região feroz precisava de homens rústicos, resistentes, viris, fortes, hispídeos...” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 171). O Nordeste precisava de homens “machos”, pois “Os homens fracos, débeis, delicados, impotentes, frágeis, afeminados não teriam lugar numa terra assim. Ser macho era, pois, a própria natureza do nordestino” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 172). A natureza exigia essa virilidade exarcebada dos indivíduos da região nordestina.

Além do mais, como já foi mencionado neste trabalho, a literatura também delineou a personalidade dos nordestinos. Constantemente, os discursos literários apresentavam estes homens como seres fortes, valentes, destemidos, superiores, capazes de resolver e fazer tudo, aqueles que morrem lutando, defendendo suas honras. Entretanto, Albuquerque Júnior defende que esses homens machos já não existem mais a não ser na literatura: “Anuncia-se o fim daqueles homens épicos, heroicos, trágicos, de uma sociedade tradicional, onde a cultura é nitidamente masculina, homens que só permanecem vivos na literatura” (2013, p. 228). O Nordestino, enquanto macho, cada vez parece menor, e a literatura já denuncia isso. Nesse contexto, Albuquerque Júnior

desmistifica a ideia do nordestino como a invenção do falo, na concepção do autor há “... outras formas possíveis de ser homem e mulher no Nordeste...” (2013, p. 229).

Assim, tendo como base o estudo de Albuquerque Júnior (2013) sobre a masculinidade, o objetivo deste artigo é fazer um estudo comparativo das obras *Vidas Secas* (1938), escrita por um grande autor brasileiro, Graciliano Ramos (1892 – 1953) e *Ratos e Homens* (*Of Mice and Men*, 1937) do notável escritor norte-americano, John Steinbeck (1902 – 1968). *Vidas Secas* (1982) trata da história de uma família nordestina que, por causa da seca, está destinada a viver peregrinando de região em região, em busca da sobrevivência, em busca de um pedaço de terra, onde possam plantar e morar. A família é composta por quatro membros: o pai, Fabiano, a mãe, Sinhá Vitória, e os dois filhos do casal, os quais não têm nome na história, são diferenciados apenas como “o menino mais velho” e “o menino mais novo”, além da cachorra baleia, a qual é tida como mais um membro. Já a obra de Steinbeck trata da trágica história de dois amigos trabalhadores migrantes, na Califórnia, por volta de 1935, Lennie Small e George Milton. O primeiro é descrito como um homem de uma força incrível, mas que sofre de problemas mentais. Já George é apresentado como um homem pequeno, porém muito ágil e esperto.

As duas obras analisadas, embora pertençam a países com realidades culturais distintas, são bem semelhantes ao retratar o drama da migração para garantir a sobrevivência. Fabiano e sua família sofrem fome e sede, dormem em leitos de rios, enquanto se arrastam pelo Sertão, em busca de um lugar onde possam se instalar, até que encontram uma fazenda, da qual Fabiano torna-se vaqueiro. Assim também acontece com George e Lennie, os dois perambulam cidades e mais cidades, à procura de um lugar onde possam trabalhar, até conseguirem empregar-se em uma fazenda, na Califórnia. Uma fazenda é o principal cenário em ambas as tramas. Tanto a família como a dupla de amigos não têm um lugar para morar, e quase nada para comer. A fome da família de Fabiano é tão intensa, que eles tiveram que comer o papagaio de estimação:

Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio [...] a fome apertará demais os retirantes e por ali não existia sinal de comida. [...] tinham andado a procurar raízes, à toa: o resto de farinha acabara, não se ouvia um berro de rês perdida na caatinga (RAMOS, 1982, p. 11).

Já, George e Lennie contavam apenas com três latas de feijão para se alimentarem antes de chegarem à fazenda:

Esse feijão dá pra quatro homens — disse George. Lennie observou-o por cima do fogo.

— Gosto dele com molho de tomate — disse, paciente.

— Não tem molho de tomate nenhum! — explodiu George. — Você só quer o que a gente não tem (STEINBECK, 1962, p. 7).

Porém, em meio a tanto sofrimento, os personagens conservavam seus sonhos, suas utopias. Fabiano, quando chega à fazenda, sonha em ser dono daquela propriedade e lá poder dar uma vida melhor a sua esposa e filhos:

Sinha Vitória vestiria uma saia larga de ramagens. A cara murcha de Sinha Vitória remoçaria, as nádegas bumbas de Sinha Vitória engrossariam, a roupa encarnada de Sinha Vitória provocaria a inveja das outras caboclas (RAMOS, 1982, p. 16).

A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo (RAMOS, 1982, p. 16).

Enquanto Fabiano sonha em ser dono daquela fazenda, George e Lennie almejam comprar um pedaço de terra para plantarem e não trabalharem mais para ninguém:

Um dia... vamos juntar uma gaita e ter uma casinha e um pedaço de terra, uma vaca, uns porcos e...

— *E vamos viver no bem-bom!* — gritou Lennie. — E ter *coelhos*. Continua, George! E ter *coelhos*. Continua, George! Conta o que a gente vai ter no jardim e fala dos coelhos nas gaiolas, da chuva no inverno e da estufa, e como a nata do leite vai ser tão gorda que a gente nem vai poder cortar. Conta, George.

— Por que você mesmo não faz isso? Já sabe tudo.

— Não... conta você. Se eu contar não é a mesma coisa. Continua, George. Conta como eu vou cuidar dos coelhos.

— Tá bem — disse George. — Vamos ter uma boa horta, uma coelheira e galinhas. E quando chover no inverno a gente vai dizer que se dane o trabalho e vai acender um bom fogo, sentar perto dele e ouvir a chuva cair no telhado (STEINBECK, 1962, p. 10).

Segundo o discurso antropogeográfico que caracteriza o nordestino como um homem telúrico, ou seja, um homem adaptado ao meio em que vive, uma região seca e rústica como o Nordeste requereria um indivíduo resistente, forte e viril, com a capacidade de sobreviver às catástrofes naturais e adaptar-se ao ambiente. Sendo assim, o ambiente rústico no qual os personagens em tela vivem e as condições precárias os tornam vítimas de injustiça social, escravizando-os a viver a própria sorte em meio às

condições, muitas vezes, subumanas. Assim, em *Vidas Secas* (1982), o personagem Fabiano se enquadra no perfil do homem telúrico, adaptado ao meio em que vive, ele e sua família estão destinados a peregrinarem em busca de terra e oportunidade de sobrevivência, e nesse contexto, percebe-se a representação do Nordeste como uma região esquecida pelos representantes políticos do governo e condenada a viver eternamente sobre os efeitos devastadores da seca, em meio aos quais o homem nordestino tem de sobreviver. Do mesmo modo, em *Ratos e Homens* (1962), seres humanos são movidos pelas circunstâncias produzidas pela necessidade de sobrevivência e pelo sonho de uma vida melhor, em meio a um cenário em que as privações são tão intensas que não permitem ao indivíduo a opção de escolha de seu modo de vida, mas sim, poucas oportunidades que possibilitam a ele apenas sobreviver.

Em ambas as obras, os personagens são explorados pela sua força bruta de trabalho, sendo mal remunerados pelos patrões. Em *Vidas Secas* (1982), além de receber muito pouco, Fabiano ainda é enganado por seu patrão no pagamento do dinheiro referente a seu trabalho. Do mesmo modo, em *Ratos e Homens* (1962), George e Lennie recebem uma quantia insuficiente de dinheiro como pagamento pela jornada de trabalho cumprida, exatamente “dez pacotes por mês”, como assim é mencionado pela dupla de amigos. Assim, pode-se notar que os personagens são explorados pela sua força bruta de trabalho em troca de salários baixíssimos como pagamento.

É nesse contexto de sofrimento e injustiças que os personagens são apresentados, fisicamente derrotados pelas circunstâncias de sobrevivência e moralmente humilhados pelas desigualdades e pelo desamparo social. Considerando as circunstâncias vividas pelos personagens de ambas as obras e o fato de estar a parte do processo social estabelecido pelas transformações modernas, tanto Fabiano como George e Lennie são comparados a animais ao longo das obras, como consequência do afastamento e isolamento social e da consequente proximidade aos seres brutos.

Nesse contexto, ao longo da história, Fabiano compara-se a um animal afirmando sempre ser um bicho, pois o mesmo era capaz de se adaptar ao ambiente, tinha vencido as circunstâncias precárias as quais foi submetido. Em determinado momento da trama, Fabiano estabelece uma identificação com baleia ao denominar a si e a cachorra como bichos: “Você é um bicho, Fabiano” (RAMOS, 1982, p. 18); “Você é um bicho, Baleia” (RAMOS, 1982, p. 19). Em outro ponto da história, além de ser comparado a figura de baleia, Fabiano ainda é associado pelo narrador a um tatu, um cachorro e também a um pato:

Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia saíria da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem (RAMOS, 1982, p. 24).

Era um desgraçado, era como um cachorro, só recebia ossos (RAMOS, 1982, p. 96).

A raiva cessou, os dedos que feriam a palma descerraram-se – e Fabiano estacou desajeitado, como um pato, o corpo amolecido (RAMOS, 1982, p. 102).

Já na novela de Steinbeck, *Ratos e Homens* (1962), o título da obra em si sugere a associação dos personagens a animais, uma vez que compara os homens a ratos, em relação ao seu baixo valor na sociedade. Ademais, na obra, o personagem Lennie Small também é comparado a um urso e a um touro, devido seu tamanho e sua grande força física:

O homem a retaguarda era o seu oposto. Enorme, rosto inexpressivo, olhos grandes e mortiços e ombros largos, caídos. Caminhava pesadamente, arrastando um pouco os pés, como os ursos (STEINBECK, 1962, p. 2).

Não, mas pode ter certeza que ele é um trabalhador danado de bom – disse George. – Forte como um touro.” (STEINBECK, 1962, p. 14).

Tal processo de animalização dos personagens permite ao leitor uma reflexão a respeito da inserção do homem no mundo moderno, o que torna possível sua vivência em meio à sociedade. Dessa forma, os personagens são retratados como bichos por estarem fora do padrão que torna o homem um ser social, não necessitando estes de serem inseridos na sociedade, pois preferem aproximar-se dos animais e relacionar-se com eles a serem corrompidos pelas transformações da modernidade e se tornarem seres desvirilizados.

Na obra de Graciliano Ramos, Fabiano não se sente confortável com as roupas e com estilo das pessoas da cidade, o que o faz pensar negativamente a respeito desse espaço, preferindo o ambiente rural, onde ele podia ser ele mesmo. Em *Ratos e Homens* (1962), ao ser questionado por Crooks sobre onde estaria George, Lennie afirma que seu companheiro está junto com os demais peões na cidade, especificamente, em um bordel gastando o dinheiro de seu salário com mulheres. Assim, nota-se a preferência do personagem George pelo ambiente urbano, uma vez que, na cidade os homens se afirmam como machos ao frequentar os bordéis e beber com os grupos de amigos. Ao

passo que George prefere estar na cidade, Lennie opta por permanecer no ambiente rural da fazenda, preferindo entreter-se cuidando do seu cachorro de estimação a desfrutar das diversões da cidade, que para ele não fazia sentido, pois era muito ingênuo.

Nesse contexto, é válido destacar que as duas obras apresentam personagens que desconstruem estereótipos que caracterizam a figura masculina, em especial, do homem nordestino. Em *Vidas Secas* (1982), Fabiano apresenta apenas algumas características que definem a figura do homem nordestino, visto que é apresentado como um homem rústico, bruto, forte e capaz de enfrentar a seca, o qual se relaciona melhor com animais do que com pessoas:

Vivia longe dos homens, só se dava bem com os animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentia a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural que o companheiro entendia [...]. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos (RAMOS, 1982, p. 19-20).

Em algumas cenas da obra, ele faz uso de facas e espingardas, os quais podem ser considerados símbolos da masculinidade, além de consumir álcool e ter o hábito de fumar. Entretanto, Fabiano como nordestino nem sempre se comporta como um “cabra macho”, já que ao longo da obra pode-se perceber quão fraco esse personagem é, embora apresente características fisiológicas do “macho nordestino”.

Diferentemente de Fabiano, o macho nordestino foi inventado como um indivíduo corajoso, destemido e que não leva desaforo para casa. Já Fabiano demonstra sentir medo ao ser desafiado pelo soldado amarelo, que é fisicamente mais fraco que o protagonista:

Voltou-se e viu ali perto o soldado amarelo, que o desafiava, a cara enferrujada, uma ruga na testa. Mexeu-se para sacudir o chapéu de couro nas ventas do agressor. Com uma pancada certa do chapéu de couro, aquele tico de gente ia ao barro. Olhou as coisas e as pessoas em roda e moderou a indignação. Na caatinga ele às vezes cantava de galo, mas na rua encolhia-se (RAMOS, 1982, p. 29).

Diante do enfretamento do soldado, Fabiano recua frente às ameaças que lhe são feitas e, quando preso injustamente, o personagem sequer defende-se das acusações, apenas questiona consigo mesmo o motivo de tal acontecimento. Nesse cenário, a fraqueza e o medo são aspectos notáveis no comportamento do personagem, uma vez

que este, diante de sua impotência como ser masculino “encolhia-se na presença dos brancos e julgava-se cabra” (RAMOS, 1982, p. 18). Em contraste com Fabiano, um indivíduo com as características estereotipadas do “macho nordestino” preferiria morrer lutando em prol da defesa de sua honra a ser preso ou ser diminuído perante os outros.

Outro fator presente na obra de Graciliano Ramos que caracteriza a desconstrução da masculinidade no personagem principal é a defesa da honra viril em meio ao combate. Embora Fabiano não seja, de fato, considerado um macho por natureza, ele tem a necessidade de se afirmar como tal, como um ser dominante, valente, forte e viril. Em determinada cena, o personagem bêbado, desafia outros homens a brigar com ele, mas ao mesmo tempo temia que o tal soldado aparecesse, pois tinha consciência de que não era tão corajoso como desejava aparentar:

-- Apareça um homem! Berrou.

No barulho que enchia a praça ninguém notou a provocação. E Fabiano foi esconder-se por detrás das barracas, para lá dos tabuleiros de doces. Estava disposto a esbagaçar-se, mas havia nele um resto de prudência. Ali podia irritar-se, dirigir ameaças e desaforos a inimigos invisíveis. Impelido por forças opostas, expunha-se e acautelava-se. Sabia que aquela explosão era perigosa, temia que o soldado amarelo surgisse de repente, viesse plantar-lhe no pé a reíúna (RAMOS, 1982, p. 78).

Fabiano sentiu-se diminuído diante do ocorrido do soldado, assim ele sentiu a necessidade de se afirmar como macho, embora ele tivesse consciência de que não era. Porém, para ele, era preciso mostrar as outras pessoas que ele era um homem corajoso e destemido, por isso, o mesmo desafia as pessoas ao seu redor, mas ao mesmo tempo, sente medo do soldado amarelo aparecer.

Com relação à obra de Steinbeck, George é apresentado como um homem esperto e ágil, porém pequeno e sem muita força, embora vivesse em um ambiente rústico e em meio a condições de vida precárias. Ele tem a vocação de liderar, o que pode ser visto em sua relação com Lennie, que sempre o obedece em tudo que lhe ordena. Além disso, frequenta bordéis e consome bebidas alcoólicas, aspectos que traçam no personagem a representação da figura típica do masculino. No entanto, ele não demonstra ser corajoso e muito menos ser destemido, pois está sempre fugindo de confusões e alertando seu amigo Lennie a fazer o mesmo. Diferentemente do homem nordestino que preferia morrer a ser desonrado, George necessitava apenas de tranquilidade, queria somente conseguir juntar dinheiro para ter um pedaço de terra e

uma vida melhor.

Lennie, por sua vez, é retratado fisicamente como possuidor das características do macho, sendo ele um homem grande e forte, porém, psicologicamente ele é retratado como um ser ingênuo e com uma mentalidade debilitada e infantil. Nunca sabendo o que fazer, o personagem é totalmente passivo e atende tudo o que seu amigo George ordena, chegando a imitar suas ações. No momento da chegada dos personagens na fazenda, em uma conversa com o patrão, Lennie permanece sem dizer nenhuma palavra, enquanto George responde a todas as perguntas, pois ele sabia que a garantia da vaga de emprego deles na fazenda estaria na força de Lennie em ação e não suas palavras ou atitudes para com o patrão.

Lennie aproxima-se dos animais como se vivesse em outro mundo. Sua diversão inicial é alisar um rato, o qual o próprio personagem matou em consequência de sua força física brutal. Já na fazenda, Lennie tem como atividade mais prazerosa cuidar de um filhote de cachorro, que ele também mata. O personagem vive em função do seu sonho de viver bem ao lado de George, de comprar um pedaço de terra e poder plantar, criar diversos animais, principalmente coelhos. Dessa forma, é notável que Lennie, assim como George, também foge totalmente do padrão que caracteriza a figura do macho.

Partindo do pressuposto que o estudo em Literatura Comparada permite ao comparatista estabelecer paralelos e confrontos entre determinadas obras, pontuando as semelhanças e diferenças apresentadas nas mesmas, e estabelecendo assim relações entre as diversas literaturas. Conclui-se que, em meio a tantas representações literárias do homem masculino, as mais recorrentes visões são as imagens cristalizadas da figura do macho, principalmente, os estereótipos que caracterizam o homem nordestino, os quais definem este ser como dominante e macho por natureza. Representações tais que foram desconstruídas nas obras *Vidas Secas* (1982), de Graciliano Ramos e *Ratos e Homens* (1962), de John Steinbeck. No romance de Ramos, o autor define a figura do masculino de forma diferente, apresentando assim apenas algumas das características de masculinidade no personagem Fabiano, o que na obra, desconstrói as imagens cristalizadas do homem nordestino. Em consonância, na novela de Steinbeck, os protagonistas George e Lennie também são apresentados como indivíduos que possuem poucas características que definem a figura do masculino.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”** – Uma História do Gênero Masculino (1920 – 1940). 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013. (Coleção Entre gêneros)
- ANDRADE, Luiz Eduardo da Silva. **A Relação entre Fabiano e a Natureza em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos**. In: II Fórum Identidades e Alteridades: Práticas e discursos em múltiplos espaços. Itabaiana: UFS, 2008.
- CASTELLO, José Aderaldo. **A Literatura Brasileira: Origens e Unidade**. v. 2. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- COURTINE, Jean-Jacques. Introdução: Impossível virilidade. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 97-107.
- GUILET, François. O duelo e a defesa da honra viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da virilidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013, p. 7-12.
- MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo. **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.
- RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. 48 ed. São Paulo: Editora Record, 1982.
- STEINBECK, John. **Ratos e Homens**. Trad. Ana Ban. New York: L&PM, 1962.